

# Anarquia e geografia na I Internacional: As presenças de Élisée Reclus e Charles Perron

*Amir El Hakim de Paula,*

da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - São Paulo -  
Brasil  
elhakim@usp.br

---

**Resumo:** Élisée Reclus e Charles Perron, geógrafos e anarquistas, participaram da Primeira Internacional e ao lado de Bakunin lutaram pela supremacia da ala antiautoritária nessa importante entidade mundial dos trabalhadores do século XIX. Nesse artigo apresentamos algumas ideias desenvolvidas por esses autores no que tange à construção de um pensamento libertário na Geografia, quando ambos lutaram para a constituição de uma ciência menos mnemônica, acessível ao conjunto da classe trabalhadora e, conseqüentemente, avessa aos principais ditames científicos e/ou políticos desse período, como o nacionalismo, a submissão das chamadas "raças inferiores" e a exploração do homem pelo homem.

**Palavras - Chave:** Geografia. Anarquismo. Século XIX. Reclus. Perron.

---

## Introdução

Uma amizade se constrói com afetividade, companheirismo, harmonia e tantas outras coisas que nos fazem acreditar na solidariedade humana. Uma amizade é um instante revelador da vida. É quando as paixões individuais necessitam de um compartilhamento, de uma expressão de alteridade, dinâmica que não se limita aos prazeres da vida mas sobretudo de suas vicissitudes.

Falar de companheirismo vai muito além de uma ajuda qualquer.....no caso de Élisée Reclus, Charles Perron e Mikhail Bakunin, amizade subentende-se também o amor por uma causa maior: a libertação das sociedades humanas de quaisquer jugos!

Cada um a sua maneira vai lutar por maior liberdade. Bakunin, uma vida dedicada inteiramente a isso, legou-nos mais do que obras acadêmicas, uma intensa ação social, não se furtando em acreditar que a luta por uma sociedade mais justa significava também colocar em prática dia a dia os caríssimos pressupostos que defendia.

Ou seja, não precisamos esperar o devir revolucionário para praticarmos os anseios de uma vida melhor. É no hoje que a prática revolucionária deve se inserir. Se lutamos por uma vida socialmente mais justa, nada é mais simbólico do que

demonstrarmos o que queremos a partir das pequenas ações cotidianas e assim, como se fossemos propagandistas no exercício pleno, afirmarmos a relevância de nossas ideias.

Caso contrário, correremos o risco de defendermos ideais que nem mesmo conseguimos praticar. E o discurso aparecerá como uma falácia, um “faça que eu falo, mas não faça o que eu faço”, colocando em xeque a nossa própria crença em uma sociedade mais humanizada.

Nisso Bakunin agiu com extrema correção. Se quiseres defender algo aos outros, pratique! E dentro das contradições de um sistema cada vez mais intolerante, demonstrar como o anarquismo é de fato uma mudança radical na forma de se relacionar. E que amizade é uma construção coletiva, é quando as vaidades individuais tão presentes na sociedade atual se dissolvem pelo bem comum e que a individualidade, não negada, obviamente, se projete em algo muito maior e valioso do que a autopromoção. É isso que vemos em Bakunin. As palavras de Malatesta sobre o revolucionário russo atestam um pouco isso:

Após as boas vindas, Bakunin preparou-me uma espécie de cama, convidou-me, quase me forçou a deitar, cobriu-me com todos os cobertores e todos os mantôs que pôde reunir, deu-me chá fervente e recomendou-me que eu ficasse tranquilo e dormisse. Tudo isso com um zelo, uma ternura maternal, que me tocaram o coração. (MALATESTA, 1987, pg.117)

E, mesmo se conhecendo naquele instante, Bakunin e Malatesta, este último com suspeita de tuberculose, construíram uma amizade fraterna e um pouco do desejo de uma sociedade mais humanizada ficou demonstrado na ação corriqueira de Bakunin.

Ao iniciarmos o texto com essas indicações, queremos apontar que, mais do que grandes intelectuais em suas áreas de atuação científica, Élisée Reclus e Charles Perron ao se dedicarem a divulgação dos estudos geográficos para uma maior parcela da população, entendiam que a apropriação do saber científico era um pré requisito para a construção de uma sociedade libertária.

Nesse sentido, amizade e amor ao saber caminham juntas. Quanto mais divulgo as minhas pesquisas, quanto mais esclarecidas ficam as dúvidas suscitadas, mais me integro à ciência.

Amizade também é um pré-requisito para os trabalhos de Charles Perron e Élisée Reclus. Sem esse companheirismo, muita da obra vultosa do geógrafo francês não se concretizaria.

Ao lado de Bakunin, Reclus e Charles Perron lutaram na I Internacional pela liberdade e pelo socialismo, apontando a necessária construção de uma ciência voltada à classe trabalhadora.

Em mundo no qual as vaidades estão presentes em vários anarquistas intelectualizados sem necessariamente serem intelectuais, a amizade de Bakunin, Perron e Reclus nos alertam para algo muito importante: saber científico é uma construção coletiva, pautada na amizade e no espírito solidário de ampliação do conhecimento.

Caso contrário, cairemos na armadilha do sistema e, em que pese anarquistas, não seremos muito diferentes daqueles que se utilizam do dinheiro como uma forma de se autoenvaidecer perante os outros.

### **Élisée Reclus: amor e amizade ao ensino e à geografia**

A importância dos estudos geográficos de Élisée Reclus são inquestionáveis. Filho de um pastor protestante, logo se interessou pela ciência geográfica e do pai herdou, de certa forma, a rigidez religiosa que aparece na maneira metodológica de lidar com os dados que obtinha, seja pelas viagens que realizou por vários países da Europa e América, ou pela correspondência que tinha com diversos pesquisadores do mundo.

Aluno dedicado das aulas de Geografia do curso que realizou em Berlim, quando a proeminência dos estudos de Karl Ritter chamavam atenção de jovens de todas as partes de Europa (casos de Karl Marx e Ratzel, companheiros de aula), Reclus percebia que sua paixão pelos estudos comparados obtidos por essas concorridas audiências era apenas uma parte daquilo que seria conhecido posteriormente como Geografia Social.

Isso devia a sua relutância em aceitar que a organização da sociedade baseava-se na exploração do homem pelo homem, muito menos concordava que o poder pudesse emergir de alguma família real.

Entretanto, essas ideias ganharam maior dimensão quando Reclus, já conhecido como geógrafo, entrou na I Internacional e lá travou contato com Mikhail Bakunin, revolucionário russo que já tinha grande fama mundial por suas fugas das regiões e prisões mais inóspitas do planeta.

Nesse momento o geógrafo francês abriria mão de quaisquer ideias republicanas e tornaria-se um bakuninista, abraçando ardentemente os pressupostos da Aliança Democrática, a ala na qual a principal figura era o socialista russo.

Esse encontro não só transformou as ideias de Reclus sobre a liberdade humana, como também possibilitou que o agora anarquista francês percebesse que a Geografia deveria ter outro papel que aquele proposto por Karl Ritter e que influenciaria uma geração de geógrafos.

Participante ativo da Comuna de Paris, Reclus lutou até as últimas forças para que a experiência socialista e autogestionária se consolidasse, mas infelizmente o processo social foi dominado pelas forças reacionárias e Reclus foi preso e degredado à colônia ultramar francesa Nova Caledônia.<sup>1</sup>

Com o fim das punições aos *communards* (participantes da Comuna), Reclus pode voltar à Europa e realizar aquela que seria a sua obra de maior vulto, a Nova Geografia Universal.

No final do século XIX, em passagem pelo Brasil para divulgar esse trabalho, Reclus foi recebido pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, quando então se tornou membro honorífico e recebeu inúmeros exemplares desta instituição científica.

No final de sua vida foi professor na Universidade Nova de Bruxelas, criada por estudantes que se revoltaram com a negativa que Reclus recebeu em ministrar aulas em Bruxelas por ser declaradamente ateu.

Em que pese hoje em dia a sua obra ter pouco impacto nas universidades brasileiras, ao ponto de estudantes e futuros professores de Geografia mal ouvirem o seu nome, quiza conhecer a sua obra, é interessante perceber que vários geógrafos no início do século XX tinham grande apreço pelo cientista francês.

Emmanuel de Martone, genro e um dos principais divulgadores da obra de La Blache, ainda que tivesse grandes restrições ao trabalho de Reclus e principalmente de suas ideias sociais, afirmava que “[...] as questões físicas levantadas por Reclus não tinham ainda sido objeto de um exame tão aprofundado e cativante.” (ANDRADE, 1985, p.23)

Dessa mesma forma, um geógrafo de grande importância na formação do curso de Geografia na Universidade de São Paulo, ainda que adepto da proposta lablachiana, não se furtou em declarar que:

---

<sup>1</sup> Interessante anotar que nesse período o geógrafo francês tinha grande admiração da comunidade internacional, e é graças a isso que cientistas da estirpe de Charles Darwin e Alfred Wallace, pais da evolução, assinaram um documento criticando a prisão e o processo de degredo.

Quem lê suas obras, não pode adivinhar as ideias políticas-sociais do autor. Escrevendo sempre num estilo elegante e agradável, por vezes chegava às raias da poesia ou demonstrava ser um romântico. (AZEVEDO, 1976, p.12)

A questão que fica é porque, embora legatários de uma geografia pautada nas ações estatais e grande divulgadores do nacionalismo, ambos são extremamente generosos com o geógrafo francês, enquanto que Karl Marx e Friedrich Engels, defensores do campo socialista apresentava-o de uma forma pra lá de caricata e marcada por grande desrespeito.

O que pensam os socialistas de língua francesa me desagrada profundamente. Eles são representados, bem entendido, pela triste figura dos irmãos Reclus, co-fundadores da aliança e profundamente desconhecidos por suas obras socialistas. (MARX in: ANDRADE, 1985, p.16) Élisée é um copiadador ordinário e nada mais. (ENGELS in ANDRADE, 1985, p.16)

Como demonstrou Souza (2012), a geografia crítica está ligada à chamada geografia marxista, colocando a perspectiva libertária em segundo plano.

Desta forma, demonstraremos o equívoco daqueles que ao defenderem uma geografia ligada não somente ao Estado mas aos movimentos sociais, ainda fazem de conta que Reclus, como também Kropotkin, apenas interessam aos ministradores das aulas de história do pensamento geográfico. Apresentaremos algumas discussões impetradas por Reclus, como também a metodologia de análise por ele utilizada.

### **Reclus e sua metodologia geográfica**

Raríssimos são os trabalhos que discutem Élisée Reclus nos departamentos de Geografia brasileiros.

Os poucos existentes após a emergência da geografia crítica e o comentadíssimo encontro da AGB de 1978 com a presença de exilados, como Milton Santos, pecam, às vezes, pela falta de uma leitura mais acurada.

Os trabalhos mais recentes são frutos, quase que em sua totalidade, da persistência dos militantes anarquistas, a começar pelas incansáveis traduções de Plínio Coelho e mais recentemente das obras lançadas pelo grupo anarquista Biblioteca Terra Livre.

Obviamente sabemos que inúmeros artigos, como coletâneas, foram publicadas, abordando os vários aspectos da obra de Reclus e que muitos dos autores não têm relação direta com o movimento anarquista.

Se há 20 anos os poucos estudos acerca de Reclus preenchiam pequenos espaços nas estantes das bibliotecas, hoje a falta deles não se justifica.

A partir da análise das obras traduzidas ou mesmo daquelas constantes na rede mundial de computadores, percebemos o equívoco que alguns geógrafos, em que pese a preocupação em divulgar o eminente autor francês, tiveram ao abordar a sua metodologia de análise.

É o caso de dois trabalhos de Manoel Correia de Andrade. Enquanto organizador de uma coletânea sobre Reclus ou mesmo em seu livro sobre a história do pensamento geográfico, fica patente a discussão sobre o nosso autor, a partir de um encaixamento de sua vida e teoria nos ditames científicos existentes no século XIX.

Já que o geógrafo francês era declaradamente anti-marxista, restava á ele a defesa de uma metodologia de análise positivista, grande arcabouço teórico daquele momento histórico. (ANDRADE, 2008)

Levando em consideração que a dialética moderna está ligada à uma tradição hegeliana, Correa não apontou que ela poderia ter sido apropriada e rediscutida por outros autores fora do espectro marxista.

As proposições de Proudhon sobre a dialética serial parece ser quase desconhecida do geógrafo pernambucano, dando margem a um enquadramento metodológico diverso de alguns pesquisadores estrangeiros.

Mais recentemente, autores conhecedores da obra de Élisée Reclus começaram a ser publicados no Brasil, entre eles Philippe Pelletier, professor doutor na Universidade de Lyon II.

Sobre Proudhon e a dialética serial, Pelletier afirma que

Proudhon, ao desenvolver sua dialética serial, ressaltou perfeitamente a importância das contradições no movimento histórico (reação/revolução, autoridade/liberdade) e do “equilíbrio dinâmico, entre forças eternamente opostas. (PELLETIER, 2011, p.16)

Para Proudhon, ao contrário da visão hegeliana e depois marxista, a luta de contrários não chega a uma finalidade necessariamente, ou seja, a síntese não é um elemento presente na obra do anarquista francês.

Pensando nessa luta enquanto um equilíbrio dinâmico, Reclus vai demonstrar a sua obra a partir dessa perspectiva e não da positivista como afirma Correa. Para Pelletier,

A dialética reclusiana coloca os termos contraditórios simultaneamente, em oposição e em combinação: por exemplo, autoridade e liberdade, igualdade e liberdade. Ela forma pares de tensão e de composição, antinomias, sem síntese, que evoluem em balanceamento ou em equilíbrio estável... Ela

permanece essencialmente aberta, dinâmica e livre. (PELLETIER, 2011, pp.99-100)

A partir dessas premissas, perceberemos que para Reclus o movimento da história não segue necessariamente para a formação de uma terceira proposta, como a superação do par dialético.

Para ele a história e a geografia são frutos de uma dialética constante entre progresso e retrocesso, sendo que existem momentos de lenta evolução e outros de rupturas revolucionárias.

A Geografia deve também compreender de que forma essas transições se coadunam no espaço geográfico. Logo, a necessidade de se apreender o conflito de interesses (econômicos, sociais, políticos, etc) entre os vários setores da sociedade e não apenas a partir do poder do Estado ou de uma classe específica, algo muito comum entre os geógrafos de sua época.

Como aponta Pelletier:

A luta de classes, a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fatos que nos revela o estudo da geografia social, e que, no caos das coisas, mostram-se bastantes constantes para que possamos dar-lhes o nome de leis [...]. (PELLETIER, 2011, P.14)

A análise reclusiana introduz no pensamento geográfico duas percepções de extrema importância: o papel do indivíduo e da luta de classes.

No caso da luta de classes largamente se aceita que a introdução dessa perspectiva na Geografia se deu a partir do movimento crítico que surge na década de 1970 e tem entre seus expoentes analistas marxistas.

A partir das considerações de Pelletier e estudando pouco que seja da obra do geógrafo francês, percebe-se que existe uma clara interpretação desse movimento da década de 1970 de tentar persuadir os geógrafos que até então os estudos dessa ciência não passavam por esse espectro.

## **Reclus e o ensino de geografia**

Outra importante contribuição de Reclus observa-se nas suas considerações acerca do ensino de Geografia.

Nessa perspectiva fica muito evidente que não há uma separação entre o geógrafo e o anarquista, como alguns estudiosos quiseram apontar.

Se na sua obra magna (Nova Geografia Universal) é conhecidíssimo que a editora Hachete criou vários empecilhos ao seu trabalho, no que tange ao ensino de

Geografia e a educação em geral, Reclus sempre acentuava a presença de uma abordagem libertária.

É importante frisar que desde a I Internacional discutia-se a importância da educação para a formação da classe operária. A questão que ficava era: pode a escola, da forma que estava organizada, ser esse veículo de emancipação cultural?

A partir do entendimento de que isso não seria viável, projetos de educação foram sendo apresentados, em grande parte derivado das discussões apresentadas pelos componentes da ala antiautoritária.

Dentre esses, poderíamos citar Paul Robin, Charles Perron (de quem falaremos adiante) e Reclus.

Compreendendo que a educação do operário deveria ser integral, ou seja, contemplando a omnilateralidade humana, vários militantes se dedicaram a construção de uma educação voltada aos anseios do proletariado.

Experiências escolares surgiram e cada uma a sua maneira questionava a supremacia do professor sobre os alunos, a necessidade da coexistência dos sexos, o fim de prêmios e castigos, entre outras coisas.

Reclus, para ficar no ensino de Geografia, preocupava-se com a lenta, mas sistemática, passagem da educação das mãos da Igreja para as mãos dos Estados. Uma troca que levaria às crianças, não mais as soluções metafísicas e religiosas, mas embasadas nos interesses do Estado-Nação.

O nacionalismo e as suas datas oficiais substituiriam as datas religiosas e o amor à Igreja; ao invés de Deus, adorariamos a Nação, algumas recentemente construídas.

E qual o papel da Geografia "oficial" nesse processo? Afirmar que as fronteiras são divisões importantes e que cada povo deveria ter em consideração os recursos necessários para a subordinação das outras nacionalidades. Vejamos abaixo o que diz La Blache sobre o ensino de Geografia na Educação básica:

A natureza não estabelece leis nem forma com antecedência os quadros dentro dos quais se mova o destino dos Estados. Assinala as condições e deixa à competição, lei universal dos seres vivos, o cuidado de obter os resultados. (LA BLACHE, 2008, p.21)

Pelas palavras de La Blache vemos que a Geografia é uma conselheira fiel da dominação estatal. Essa disciplina, junto com a História, teria a incumbência de fomentar nas crianças o patriotismo, o preconceito racial, apontando a inexorabilidade da competição entre os países.

Era urgente para Reclus trazer um novo papel para a educação e para o ensino de Geografia. Em suas palavras,

De fato, a geografia pode ensinar à criança russa que existem países cujos habitantes não obedecem ao czar da mui santíssima Rússia, que aqui e acolá estalam às vezes revoluções libertadoras e que certos loucos proclamaram em alguma parte os Direitos do Homem. Aos olhos destes loucos, entre os quais temos a satisfação de contar-nos, a geografia é a Ciência que demonstra a unidade perfeita do grande domínio terrestre e o absurdo das fronteiras. (RECLUS, 2012, p.32)

O papel da Geografia seria completamente oposto àquele delegado pela escola estatal. Não mais apoio a esse ou aquele Estado. Agora a Geografia teria o papel de demonstrar que todos os povos são oriundos de uma mesma família e que a divisão de classe, de raça ou de nacionalidade foram criações de indivíduos interessados na perpetuação da dominação humana.

Mas para isso a escola precisaria também mudar. Não mais salas de aula enfileiradas; meninos e meninas separados; professores entediados. Deveríamos ter um escola agradável, livre e onde todos pudessem usufruir do conhecimento.

As experiências educacionais então começam a surgir. Muitas delas junto à classe operária. Experiências de educação libertária aparecem na Europa e na América. Inclusive no Brasil. E com essas escolas novos métodos de aprendizagem também surgem. E o ensino de Geografia também precisaria transformar-se.

Ao invés de uma aula de Geografia em uma sala sem muitos recursos, palco perfeito para a imposição de valores, Reclus propunha outro método:

A escola verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza. O que em nossos dias é considerado nas escolas como festas excepcionais, passeios, cavalgadas pelos campos, landas (charcos) e florestas, nas margens dos rios e nas praias, deveria ser a regra, pois é apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los, a fazer-se uma ideia precisa e coerente do mundo exterior. (RECLUS, 2010, p.25)

Ir á Natureza! Esse era o motor da pedagogia libertária. Os estudos de meio surgiram contra a estéril forma de se ministrar aulas. Conhecer a Geografia do entorno para se compreender as diferentes paisagens do Globo.

Mais do que isso, Reclus propugnava uma metodologia diferenciada: primeiro as saídas a campo depois o estudo teórico, como forma da criança relacionar o que viu *in lócus* com o que vai ser aprendido na sala. Caso contrário, sair ao campo poderia se tornar uma excursão qualquer e quando se concretizasse em algo (como um caderno de campo) estaria impregnado das discussões teóricas pretéritas, muito embora a realidade tivesse mostrado algo completamente diferente.

Não seria então ir à campo para comprovar a teoria. Mas sim o contrário. A teoria teria que se colocada a prova. Só assim seria válida.

Uma ciência construída por todos. Não apenas doutos acadêmicos. E se apropriar da Geografia para mudar o mundo. Então, não mais uma Geografia enquanto ciência de análise, mas uma de intervenção. Geografia como grafar a Terra e não como ver as grafias da Terra. Não mais ser passiva mas propiciar suas técnicas e seus mecanismo para a promoção de um mundo melhor!

Nisso Reclus e Perron se parecem muito. E é sobre o cartógrafo e amigo de Reclus que falaremos a seguir.

### **Charles Perron e a popularização da cartografia**

O uso das técnicas possibilita ao homem continuamente dominar e modificar a Natureza, em um processo, que no seu bojo, permite a sua autotransformação.

O domínio de qualquer técnica propicia também a possibilidade de uma presença hegemônica societária, quando então a apropriação de saberes significa ter o conhecimento como fonte de dominação.

Em uma sociedade cindida pela presença de classes sociais, com projetos antagônicos, o domínio técnico pode ser a forma de manter o *status quo* social.

Partindo dessa premissa e levando em consideração as especificidades das técnicas existentes na ciência geográfica, percebemos como, por exemplo, a cartográfica pode ser utilizada enquanto mecanismo de imposição ideológica.

Isso porque a visualização das ações humanas não é apenas uma forma de expressão social. Pelo contrário, ela pode significar a diferença entre manter ou não um sistema social determinado.

A cartografia enquanto um instrumento de dominação é um corpo de saberes específicos, alguns de difícil compreensão, restritos a um conjunto de estudiosos da geografia, geologia, engenharia, entre outras ciências.

Questionar essa apropriação por uma parcela da sociedade, a mais instruída, é uma tentativa de popularizar esse saber sem que em essência suas qualidades sejam descartadas.

Ao se propor fazer isso, rompe-se com um pensamento acadêmico dominante e possibilita-se a construção de uma cartografia insurgente não mais ligada aos interesses de uma elite intelectual e econômica.

Como aponta Ferretti (2012,p.03):

O propósito de fazer conhecer este patrimônio cartográfico a um público mais vasto daquele dos especialistas está fortemente enraizado no enfoque geográfico reclusiano. Élisée Reclus e seus colaboradores (Perron, mas também outros geógrafos anarquistas como Lev Metchnikoff e Piotr Kropotkin) não foram geógrafos acadêmicos: viveram principalmente da sua pluma, e a sua capacidade de alcançar o grande público é ao mesmo tempo uma necessidade material e uma escolha política declarada.

É assim que vemos Charles Perron e a sua preocupação em popularizar a cartografia. E é sobre ele e a sua luta por uma ciência menos elitista que iremos discutir nesse pequeno fragmento.

Charles Perron nasceu em 1837 na cidade de Genebra. Seu pai era pintor e dele aprendeu as primeiras lições sobre essa arte.

Entendendo a necessidade de expandir o seu conhecimento sobre a pintura, Perron parte aos 20 anos para a Rússia, ficando nos país dos czares por cinco anos.

Lá ele toma conhecimento das táticas nihilistas e cresce o seu interesse em travar contato com os emigrados russos, fato esse que ocorre na sua volta à Genebra, agora como pintor e fotógrafo.

Junto com Bakunin adere à Liga da Paz e da Liberdade nos anos de 1860, sendo que passado alguns anos rompeu com essa instituição burguesa. Após esse fato, e novamente com o revolucionário russo, adentra à chamada Primeira Internacional, ficando ao lado daqueles que constituíam a ala antiautoritária.

Em 1872, com a expulsão de Bakunin e de James Guillaume da Internacional no Congresso de Haia, Perron contribui para a formação da Internacional de Saint Imier, setor libertário que disputa a hegemonia no movimento operário europeu.

A partir da década de 1880 é notória a sua participação na elaboração da Nova Geografia Universal de Élisée Reclus, quando assina quase metade das cartas constantes desse monumental trabalho, além de contribuir com mais de cinquenta quadros em cores.

No início do século XX Charles Perron primeiro é agraciado por uma medalha de ouro na Exposição Universal de Paris, por seu trabalho com maquetes a partir de fotografias aéreas e posteriormente se engaja na criação de um museu cartográfico que possibilitasse o livre acesso da população e por conseguinte a popularização dessa técnica. Isso ocorre em 1907, sendo que até o fechamento, cerca de 600 pessoas a ele acorria anualmente.

Depois de uma longa contribuição para a construção do movimento anarquista francês, falece na cidade de Genebra em 1909.

## **A cartografia como mecanismo de dominação ideológica**

No século XIX, o cotidiano da grande maioria da classe trabalhadora europeia era permeado por infortúnios dos mais diversos.

Retirado forçosamente da vida campesina, esse novo proletariado industrial trabalhava mais de 12 horas diariamente, vivia em casebres ou quartos minúsculos, atormentado por uma situação estressante que nem o álcool atenuava.

Em uma condição de extrema carência, o acesso à uma educação formal era praticamente inacessível, ligada quase que exclusivamente às escolas que surgiam pelo esforço das entidades de classe.

Em um mundo marcado pelas grandes diferenças sociais e econômicas, lutar pela formação educacional da classe trabalhadora era uma das prerrogativas para a futura construção de uma sociedade socialista.

Seja nas organizações de classes locais ou mesmo internacionais, a educação dos operários era um objetivo constante nos seus estatutos. É o que vemos nos documentos da I Internacional :

estamos bem longe de ter assegurada a instrução de que precisamos para lutar com vantagem contra os opressores. Por uma sangrenta ironia da sorte, é a eles que temos de pedir o que aprendemos. A maioria dentre nós é forçada ainda a enviar suas crianças às escolas em que os homens, a soldo da burguesia, trabalham para perverter o bom senso e a moral ensinando não as coisas da ciência, mas as fábulas impuras do cristianismo, não as verdades do homem livre, mas as práticas do escravo. (apud FERRETTI, 2012, p.03)

Transformar a educação! Eis o mote constituinte dos estatutos da Internacional! Entre aqueles que estavam lutando por uma educação mais solidária encontramos Élisée Reclus e Charles Perron.

Entretanto, para ambos, essa transformação da educação exigia também grandes mudanças na suas áreas específicas de estudo/trabalho.

Lutar por uma educação laica e voltada aos interesses da classe trabalhadora, exigia também, reformas no ensino de Geografia e de Cartografia.

Sabendo-se que cabia a burguesia ou a Igreja a institucionalização do ensino, Perron, Bakunin, Reclus e vários outros anarquistas discutiam sistematicamente quais seriam os caminhos que a educação libertária propiciaria na formação de um ser humano pleno. Perron e Reclus, especificamente, preocupavam-se ainda com qual seria o papel da Geografia nesse processo.

Ou seja, como conseguir fazer a Geografia ficar ao lado desse estrato social mais popular. Em um dos esforços iniciais, Perron publica "Da obrigatoriedade da instrução", onde afirma que:

A ignorância, eis o vício social orgânico, a causa primeira da desordem! É ali que deve-se bater, e bater forte, pois se conseguimos fazer desaparecer esta lepra, a verdadeira, a última revolução será realizada (apud FERRETTI, 2012, p.03)

A partir dessa obra fica claro para o geógrafo francês a necessidade de divulgação de sua área específica de trabalho, a cartografia, visto que seu saber restrito a um pequeno número de especialistas colaborava para a imposição de uma maneira própria de enxergar o mundo.

Isso porque as técnicas cartográficas bidimensionais como também o monopólio exercido pelos Estados nas cartas topográficas, demonstravam uma visão de mundo ainda muito dominada pelo eurocentrismo.

Combater essa suposta supremacia europeia, já tão difundida entre os cientistas sociais<sup>2</sup> da época acabava sendo de importância crucial, visto que o que se considerava civilização ocidental não era mais do que a civilização burguesa.

Uma das estratégias para demonstrar as falácias que sustentavam a civilização ocidental/burguesa e por conseguinte apontar novos rumos para a humanidade seria a educação. Uma reforma na forma de ensinar mas também nos conteúdos das disciplinas era urgente para aqueles que acreditavam um mundo melhor.

Com a intenção de gerar mapas mais próximos da realidade, Perron vai construí-los de forma que a sua representação seja tridimensional. Com a utilização desse recurso, os países serão representados com as proporções corretas, diferente dos atlas e planisférios que se utilizam de cartas planas.

Embora seja inegável que foi um cartógrafo contemporâneo chamado Arno Peters que desenvolveu um mapa mundi que representasse fielmente as superfícies dos países e dos continentes, ao se utilizar de folhas tridimensionais que demonstrassem as proporções corretas. Perron também contribuiu para que os mapas não fossem utilizados como meio de dominação ideológica.

Para Perron, percebemos que a utilização desses mapas tridimensionais nas escolas teria um papel fundamental: apontar para as crianças que o mapa visto cotidianamente pode não expressar fielmente a realidade.

---

<sup>2</sup> Ratzel demonstra um pouco essa superioridade europeia: " Os povos naturais são povos pobres de civilização. Povos de qualquer raça e variadamente dotados de qualidades naturais podem ainda não ter progredido até o estado de civilização ou podem ter regredido desta." (RATZEL, 1990, p.127)

Revelar ao mundo as sombras que insistem em pairar sobre as nossas cabeças e que parecem ser a realidade. Esse é o papel do geógrafo mas também do cartógrafo.

Para isso se concretizar, cabe uma nova interpretação do que seria a Geografia e quais seriam os seus objetivos.

Para Perron uma necessária e urgente apropriação dos pressupostos geográficos é o começo para saltarmos evolutivamente de uma ciência social de análise para outra de caráter intervencionista.

Uma Geografia a serviço da maioria e não um saber de um pequeno grupo privilegiado.

Romper com uma visão positivista de uma ciência neutra, que tem apenas a função de descrever os fenômenos sociais, ambientais, econômicos, entre outros.

Quanto maior a divulgação e uma melhor compreensão de suas técnicas, mais popularizada (sem ser popularesca) a cartografia será e os mapas terão outros significados.

Já não será apenas uma representação, mas sim um documento que demonstre as melhores estratégias de luta no espaço, as possibilidades de enfrentamento, as insurgências cotidianas, entre outras possibilidades.

Apontando a importância da divulgação da Cartografia e a necessária apropriação de todos, Perron, em uma das últimas falas, sugere-nos que:

Não basta, com efeito, saber da existência de velhos documentos da história da cartografia, é preciso que, como os quadros nas galerias de arte, eles sejam acessíveis a todos. Escondidos nos seus papelões, a sua utilidade é das mais restritas, pois só os tiramos, um de cada vez, quando algum erudito solicitá-lo por ventura. Isto não é suficiente. (PERRON apud FERRETTI, 2012, p.09)

Perron, Reclus e Bakunin, anarquistas e militantes do movimento operário, pensam a educação a partir da liberdade e autonomia. Reclus e Perron, amigos e anarquistas pensam a Geografia enquanto ciência de intervenção social.

A intensa amizade entre eles possibilitou pensar um mundo novo. Cada um ao seu jeito lutou para que as mudanças se concretizassem.

---

## **Anarchy and Geography in the First International: The presence of the Élisée Reclus and Charles Perron**

**Abstract:** Élisée Reclus and Charles Perron, geographers and anarchists, were attending in the First International and with Bakunin both fought for supremacy of anti-authoritarian wing in this most important workers world entity in the 19th century. In this article we present some ideas that both Reclus and Perron have developed regarding to building of a libertarian thought in the geography, when they fought for the creation of a less mnemonic science accessible to entire working class and consequently averse to the main scientific dictates and/or politicians of this period, such as nationalism, the submission to "inferior races" and the exploitation of man by man.

**Keywords:** Geography. Anarchism. 19th Century. Reclus. Perron.

---

### **REFERÊNCIAS**

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: Ciência da sociedade**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- AZEVEDO, Aroldo de. **A geografia francesa e a geração dos anos setenta**. In: Boletim Paulista de Geografia, mar.1976, São Paulo, pp.07-28.
- FERRETTI, Federico. **Cartografia e educação popular**. Terra Brasilis (Online), nº01, 2012, pp.02-14.
- LA BALCHE, Vidal de. **A geografia na escola primária**. In: A geografia fora da sala de aula. São Paulo: Necropolis, 2008.
- MALATESTA, Errico. **Bakunin**. In: Bakunin. São Paulo: Editora Novos Tempos, 1987.
- PELLETIER, Philippe. **A grande cidade entre barbárie e civilização em Élisée Reclus**. In: Élisée Reclus e a geografia das liberdades. São Paulo: Editora Imaginário, 2011, pp.95-124.
- RATZEL, Friedrich. **As raças humanas - A posição dos povos naturais na humanidade**. In: RATZEL -geografia . São Paulo: Editora Ática, 1990.
- RECLUS, Élisée. **O homem e a terra: Educação**. São Paulo: Editora Imaginário, 2010
- \_\_\_\_\_. **Prefácio a Noções de geografia física**. In: Escritos sobre educação e geografia. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012, pp.29-32.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Introdução: A geografia, o pensamento e a práxis libertários e a cidade -Encontros, desencontros e reencontros.** In: Revista Cidades, vol.9, nº 15, Presidente Prudente, pp.09-58.

---

#### SOBRE O AUTOR

**Amir El Hakim de Paula** - Possui graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (1999). Mestre em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2005). Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: história, trabalho, geografia, território e imprensa operária; anarquismo.

---

Recebido para avaliação em Maio de 2015  
Aprovado para publicação em Junho de 2015